

Sentidos do comunismo no imaginário dos telejornais¹

Meanings of Communism in the Imaginary of TV News

Renata Marcelle Lara*
Universidade Estadual de Maringá
Maringá - Paraná / Brasil

Resumo

Este artigo objetiva observar como o funcionamento discursivo do noticiário telejornalístico brasileiro pôs em cena sentidos filiados a uma memória oficiosa de comunismo em torno da assunção interina de Aldo Rebelo à presidência da República, visibilizando o oficialmente aceitável e mantendo em silêncio sentidos interditados *no e pelo* processo de fixação dessa memória. Em termos discursivos, memória é compreendida aqui na perspectiva pecheutiana de Análise de Discurso, em cujos fundamentos teóricos e metodológicos esta investigação se pauta.

Palavras-chave

Comunismo; Imaginário; Telejornal; Aldo Rebelo; Análise de Discurso.

Abstract

This article aims to observe how television journalism discourse organization highlighted affiliated meanings of an unofficial memory of communism related to Aldo Rebelo's period as acting President,

* renatamlara@yahoo.com.br

making visible just what would be officially acceptable, and bringing to silence those barred meanings *in* and *by* the process of this memory storage setting. In Discourse Analysis terms, memory is taken here in Pêcheux's perspective, in whose theoretical and methodological principles this article is based. .

Keywords

Communism; Imaginary; TV news; Aldo Rebelo; Discourse Analysis.

1 INTRODUÇÃO

O título deste artigo surge, em parte, de um jogo parafrástico do subtítulo do livro *O PCB e a imprensa*, de Bethania Mariani (1998), no qual ela se refere aos “comunistas no imaginário dos jornais”. Marcando-se numa posição de analista do discurso, de filiação materialista, Mariani “abre um lugar possível de onde falar o político desfazendo a censura no interior mesmo de uma discursividade que é objeto do silenciamento do político: o discurso do Partido Comunista”, conforme aponta Orlandi (1998, p. 10) no prefácio do livro da pesquisadora.

O diferencial do trabalho de Mariani, como também entende Orlandi (1998, p. 9), está justamente em observar o político em sua discursividade própria e não na condição de um “artefato imóvel” ou mesmo, a nosso ver, de uma tipologia regime na qual se invisibilizaria o seu modo de funcionamento. “Certamente o fato de um discurso ser político estabelece um seu regime e validade e cabe ao analista detectar essa ordem, esse regime. Mas ele não o faz pela classificação *a priori* – discurso político – mas pela observação de seu funcionamento” (ORLANDI, 2000, p. 86). É por isso que há discursos, mesmo tidos como não políticos, funcionando como tal, esclarece a autora ao discutir tipologias e relações entre discursos.

Considerando que “a história se faz entre o dizer e o não-dizer”, entre escutas, versões e gestos de interpretação, inúmeros, possíveis e diferentes (ORLANDI, 1998, p. 9), este artigo focaliza sentidos do comunismo no imaginário dos telejornais, buscando observar como o funcionamento discursivo do noticiário telejornalístico de comunicação de massa, no Brasil, pôs em cena sentidos filiados a uma memória oficiosa de comunismo, promovendo a visibilização do oficialmente aceitável e mantendo em silêncio o que, ao longo da história político-oficial, já fora silenciado em dado momento sócio-histórico. Ao mesmo tempo, interessa saber de que forma sentidos silenciados por um processo de interdição continuam ressoando a partir de brechas, deslizos, possíveis rupturas, pela inscrição da língua na história.

Neste artigo, a análise discursiva parte de um recorte da noticiabilidade em torno do então presidente da Câmara dos Deputados e membro do Partido Comunista do Brasil (PC do B), Aldo Rebelo, veiculada em novembro de 2006 em quatro telejornais de comunicação de massa na televisão comercial aberta brasileira: Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão), SBT Brasil (Sistema Brasileiro de Televisão), Jornal da Record (Rede Record) e Jornal da Band (Rede Bandeirantes de Televisão). As notícias tomadas para análise circularam nas escaladas (manchetes) dos telejornais, nas passagens de bloco (chamadas para os blocos seguintes), nas cabeças de matéria e de nota coberta (textos narrados pelo apresentador, com objetivo, respectivamente, de abrir a reportagem do repórter e do texto, também narrado pelo apresentador, coberto com imagens do evento)².

Na Globo, no SBT e na Record, a discursividade telejornalística é construída em noticiários que focalizaram, como evento noticioso, a assunção interina da presidência da República, no dia 13 de novembro de 2006, por Aldo Rebelo. Decorridos 15 dias da reeleição (29/10/2006) de Luiz Inácio Lula da Silva em seu segundo mandato presidencial, Rebelo assumiu a presidência da República, por um dia (13/11/2006), devido à ausência de Lula, em viagem à Venezuela, e da impossibilidade do vice-presidente, José Alencar, assumir o cargo, por se encontrar em tratamento médico nos Estados Unidos.

Especificamente no caso da Rede Bandeirantes, a notícia posta em circulação na escalada focaliza ações de Aldo Rebelo e não a sua assunção presidencial. Ou seja, enquanto nos outros três telejornais “um comunista na presidência da República” é que aparece como novidade, no Jornal da Band Aldo Rebelo continua sendo notícia, mas, desta vez, por sua ação e não assunção. Essa diferença de foco noticioso é considerada/explorada na análise. Sob o rótulo de “Exclusivo!”, a notícia, no Jornal da Band, se configura no cancelamento, pelo presidente da Câmara, da compra de pastas de luxo para novos deputados. Em termos teórico-metodológicos, compreende-se que tanto o que se diz quanto o não dito em funcionamento daquilo que é dito, assim como a ausência de determinado dizer, por interdição (censura), participa da produção de sentidos.

O noticiário em torno de Aldo Rebelo, nos quatro telejornais, aparece conjugado a outras notícias referentes ao governo Lula. A principal delas é justamente a viagem do presidente brasileiro à Venezuela para inauguração de uma ponte, a convite do então presidente venezuelano Hugo Chávez. Como decorrência dessa viagem, a ausência de Lula, no Brasil, desencadeou, devido

também à impossibilidade de assunção interina da Presidência por José Alencar, a focalização massiva de Rebelo no contexto midiático.

De que forma o noticiário telejornalístico fez circular e (in)significar o acontecimento discursivo que foi/representou a assunção de Rebelo à presidência da República é o incômodo que mobiliza a construção do presente percurso analítico. Teórica e metodologicamente, filiamo-nos à Análise de Discurso francesa, fundada pelo filósofo Michel Pêcheux, considerando o discurso como “efeito de sentidos” entre locutores (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Tal efeito advém porque os sujeitos se relacionam afetados por memórias discursivas, dentro de circunstâncias determinadas, segundo esclarece Orlandi (2006). Memória não no sentido psicologista, como algo individual, conforme alerta Pêcheux (2007, p. 50), mas “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

Considera-se, para fins analíticos, que a história da televisão e do telejornalismo brasileiros é marcada por um processo de silenciamento de sentidos, de modo que os ideais jornalísticos de imparcialidade e verdade sobrevivam e sustentem a relação de confiança com o telespectador. O silêncio está sendo compreendido aqui na perspectiva do discurso. Orlandi (1997, p. 23-24) distingue o “silêncio fundador”, existente nas palavras (o não dito), que oferece condições para significar, da “política do silêncio”, subdivida em “silêncio constitutivo” (uma palavra apaga as “outras”, ou seja, “para dizer é preciso não dizer”) e “silêncio local”, referente à censura (aquilo que não pode ser dito, por proibição, em determinadas circunstâncias). O silêncio é, assim, constitutivo do dizer. Portanto, encontra-se sempre em funcionamento. No caso do processo histórico telejornalístico, este se apresenta fortemente marcado pela política do silêncio, em meio a interdições e visibilidades (o que não pode e não deve ser visto X o que pode e deve ser posto à visibilidade).

2 RELAÇÕES IMAGINÁRIAS

De modo geral, por mais que o telejornalismo massivo, a todo o momento, tome para si os ideais democráticos, buscando marcar uma posição de (suposta) neutralidade, a constante retomada ao longo do processo histórico, por parte de emissoras telejornalísticas, de uma memória de negativização em torno de movimentos políticos populares e partidos ditos de esquerda, como

é o caso do Comunismo e do Partido dos Trabalhadores (PT), apaga outros sentidos possíveis para eles na história. Também mantém apagada a vinculação de emissoras ao poder político. Essa memória da negação ou da falsa aceitação, posta em funcionamento e *re-acesa* pelos telejornais analisados, é sustentada no medo e na ameaça ou mesmo na ênfase de um *irrealizado* do movimento popular – termo que empregamos em alusão a Pêcheux (1990).

Em seu estudo sobre os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989), Mariani (1998) observa que o sentido negativizado para comunismo e comunistas fixa-se *na e pela* imprensa na metade da década de 1930. Tanto numa perspectiva geral quanto particularizado como “horrores soviéticos”, esclarece a autora (1998, p. 153), a representação do comunismo nas matérias jornalísticas por ela analisadas era de uma “doutrina ou ideologia perigosa para o Brasil”.

Esse processo discursivo que instaurou a negativização do comunismo começa a se transformar, de acordo com Mariani (1998), a partir de meados da década de 1960 até, sobretudo, os anos de 1980. Com as transformações no cenário político envolvendo processo de término do período ditatorial militar, greves, retorno de exilados, “uma nova discursivização começa a se engendrar” (MARIANI, 1998, p. 204). O processo discursivo de negativização, impetrado contra os comunistas, tidos como “inimigos internos”³, passa a se voltar para partidos considerados esquerda, como é o caso do Partido dos Trabalhadores (PT), também focalizados, na imprensa, como os “‘inimigos’ dos novos tempos”.

Respalhada em seu material de análise, Mariani (1998) diz ainda que isso promove, no que chamou de Formação Discursiva dos Brasileiros, uma reorganização das fronteiras. Como resultado, a incorporação de novos pré-construtos. Na denominação “esquerda”, materializam-se os “inimigos dos novos tempos”. Sob o efeito de tal formação discursiva, dominante no discurso jornalístico-político, na tensão com a Formação Discursiva Comunista, como observado na análise pela pesquisadora, internaliza-se no discurso jornalístico a direção de sentidos negativizada para o Partido Comunista do Brasil (PC do B).

No último parágrafo do livro *O PCB e a imprensa*, Mariani (1998, p. 232, grifos da autora) afirma que “no novo consenso que vem sendo imposto pelo discurso jornalístico, em função da reorganização das fronteiras da FDB [Formação Discursiva Brasileira], os comunistas aparentemente não são mais tão perigosos.” A partir disso, a autora questiona: “Mas não seriam mesmo?”.

E continua: “Talvez a única pergunta que permaneça sem resposta foi a que formulamos logo no início: A eficácia do imaginário construído *sobre* os comunistas teria chegado ao fim?”.

A pergunta de Mariani ecoa em nosso material, interrogando o efeito de eficácia do discurso *telejornalístico*, no contexto por nós abordado. No cenário político-midiático, a briga histórica entre partidos ditos de direita e de esquerda mobiliza essa “memória social” em torno de democracia. Mariani (1998, p. 34-35) se refere à memória social como “processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos, sendo que, como resultado do processo, ocorre a predominância de uma de tais interpretações e um (às vezes aparente) esquecimento das demais”. A naturalização de um sentido “comum” à sociedade, segundo a autora, não significa, contudo, “que o sentido predominante apague (anule) os demais ou que ele(s, todos) não possa(m) vir a se modificar”. Sentidos esquecidos, muitas vezes, funcionam como “resíduos dentro do próprio sentido hegemônico”.

Diante dessa rede imaginária que segrega e, ao mesmo tempo, complexa dois mundos (direita e esquerda) num mesmo mundo, as relações discursivas que mobilizam redes de memória associadas, portanto, à democracia, ao comunismo, povo e governo popular/populista, em funcionamento do noticiário dos telejornais analisados, são exploradas no percurso analítico de modo a responder de que forma o evento jornalístico focalizado neste estudo fez circular e permitiu significar o acontecimento discursivo que foi/representou a assunção de Aldo Rebelo à presidência da República, em 13 de novembro de 2006.

3 JOGANDO COM A DESCRIÇÃO E A INTERPRETAÇÃO

No Jornal da Record, Celso Freitas apresenta na *escalada* (manchete): “o presidente Lula inaugura ponte / em ato de apoio a Hugo Chávez, na Venezuela”. A primeira parte desse áudio, antes da barra (/), é conjugada à imagem visual do apresentador, no estúdio. Barra em diante, o áudio é conjugado a *frames*⁴ que focalizam Lula e Chávez abraçando-se, tendo como fundo a ponte inaugurada. Na sequência, a apresentadora Adriana Araújo noticia:

Adriana Araújo (Jornal da Record): “Aqui no Brasil, o dia do /⁵ primeiro comunista a ocupar a Presidência da República”.

No SBT Brasil, no momento em que, na escalada, a apresentadora Ana Paula Padrão noticia sobre o governo Lula, a narrativa aparece composta a imagens dos eventos. Antes de Rebelo passar a, também, ser foco do noticiário, a apresentadora narra o evento envolvendo Lula-Chávez: “**Lula faz campanha pra Chávez na Venezuela**”. Esse texto aparece associado a *frames* que focalizam os dois presidentes, usando capacetes de obra, da cor vermelha, em meio à multidão, durante o evento de inauguração da ponte. Sequencialmente, Ana Paula Padrão noticia:

Ana Paula Padrão (SBT Brasil): “**E pela primeira vez, um comunista assume a presidência da República no Brasil**”.

Quanto ao Jornal da Band, o anúncio de uma notícia significada como “exclusiva” coloca Aldo Rebelo como o foco da noticiabilidade; diferentemente dos telejornais da Record e do SBT, em que ele é, antes, notícia por sua condição de membro do Partido Comunista do Brasil, ou melhor, por ser um comunista e primeiro comunista a assumir (interinamente) a presidência da República.

Ricardo Boechat (Jornal da Band): “**Exclusivo!**”

Ricardo Boechat (Jornal da Band): “**O presidente da Câmara cancela compra de pastas de luxo para novos deputados**”.

No Jornal Nacional, Lula-Chávez são focalizados na escalada, mas Rebelo não é mencionado, tornando-se destaque na passagem de bloco (chamada para o bloco seguinte).

ENCONTRO DE FRAMES DA PASSAGEM DE BLOCO ENUNCIADA POR BERNARDES/BONNER

Depois de Fátima Bernardes anunciar, na passagem de bloco, “Na fronteira Venezuela-Brasil, Hugo Chávez e Lula inauguram ponte em clima eleitoral”, William Bonner noticia: “**E um presidente comunista /entra para a história da nossa República**”.

A palavra “**comunista**” é enfatizada por Bonner, e a partir do verbo “entra” o texto verbal é conjugado a imagens de Rebelo:

Partindo do SBT Brasil como o primeiro recorte a ser trabalhado, observamos que, no encadeamento sequencial e temático, ainda na escalada, produzido no encontro entre verbalização da apresentadora e *frames* de imagens de Rebelo em atividade protocolar de um presidente da República, a memória se fecha, definindo-se os sentidos da notícia.

As memórias retornam ou se apagam e silenciam no imbricamento do verbal com os *frames* de cenários de realidade. O “E”, verbalizado no encontro com imagens formais de Rebelo, liga não apenas a notícia anterior (“**Lula faz campanha pra Chávez na Venezuela**”) à seguinte (“**E pela primeira vez, um comunista assume a presidência da República no Brasil**”), no sentido de continuidade da escalada. Relaciona também Lula a Rebelo no apagamento de suas trajetórias de luta, pela naturalização de uma esquerda, marcadamente comunista.

Em outros termos, assim como ocorre com Lula em notícias⁷ direta ou indiretamente ligadas a esta, na imagem meramente protocolar de Rebelo – tendo ao fundo em destaque, como cenário, a imagem de Mário Covas – apaga-se a memória de sua trajetória política e a historicidade do Partido Comunista do Brasil. Por esse apagamento, dá-se lugar a uma memória oficiosa sobre o comunismo, em que os ideais comunistas não se põem a ver; o que acontece conjuntamente ao silenciamento da trajetória de constituição telejornalística.

No Jornal da Record, as imagens-apresentador, tanto de Celso Freitas quanto de Adriana Araújo – quando esta noticia sobre Aldo Rebelo –, são enquadradas em plano médio⁸ e casadas a textos verbais objetivados pela técnica redacional jornalística, pela contenção do gestual e da elocução. Sustentam sua eficácia na relação sujeito-apresentador e sujeito-telespectador que, no discurso institucional, se preestabelece no *re*-conhecimento, pelo telespectador, da autoridade do apresentador para dizer o dizer autorizado.

Tal função-apresentador⁹, da qual supostamente não se opina, mas apenas se informa – efeito resultante desse jogo de *des*-responsabilização do telejornal na figura do apresentador, em sua condição de “porta-voz da realidade”¹⁰ (levando à produção do efeito de mero estabelecimento de contato entre a realidade e o telespectador, em cujo mecanismo se ausentariam as relações ideológicas; como se isso fosse possível) –, é atestada na posição-jornalista, funcionando pela inscrição de sua imagem na redação do telejornal, que aparece ao fundo, como cenário de realidade do fazer cotidiano telejornalístico.

Quanto à sequência noticiosa da escalada, por Adriana Araújo, o termo “**primeiro comunista**”, associado à imagem-visual de Rebelo em cumprimento de uma rotina presidencial protocolar, esvazia sentidos nessa formulação. A imagem formal de um Rebelo de terno, cumprindo uma atividade protocolar do cargo de presidente da República, tal como se expõe no SBT Brasil, nada tem a ver com a imagem do Rebelo integrante do Partido Comunista do Brasil. Militante político, tem uma trajetória de luta, significando-o *no* comunismo, *pelo* comunismo, *a partir do* comunismo e também *o* comunismo. Sentidos que a expressão “**primeiro comunista**” não comporta quando casada à imagem de um Rebelo em cumprimento meramente protocolar.

O recorte da cena de Rebelo, na relação com o enquadramento da imagem-apresentadora, reduzem toda uma trajetória política, e o que isso significa para Rebelo e para o país, a uma informação objetivante da realidade. Esvaziamento dos sentidos da democracia como mero “acatar as leis”, que abrem brechas para um comunista assumir a presidência; mesmo que isso seja resultado de situações adversas, como vai ser *re*-afirmado ao longo de todo o conjunto da noticiabilidade do Jornal da Record e também do Jornal Nacional e do SBT Brasil.

Marcadamente tomadas por interesses políticos e econômicos, as emissoras de TV nascem por meio de mandos presidenciais e se atrelam a esses interesses. As tomadas de posição partidária se mantêm silenciadas na figura do porta-voz da realidade, que se afirma na passagem da imagem-apresentadora Adriana Araújo para a imagem de Rebelo. A composição técnica dessas duas imagens fecha os sentidos *da* interpretação *na* interpretação.

Sob o rótulo “**Exclusivo!**”, *re*-afirmado na conjunção à imagem apresentador-âncora, o Jornal da Band se marca na proximidade e na diferença quanto aos telejornais concorrentes, naquilo que explicita e no que preserva na especificidade do silêncio¹¹. Em meio à exposição midiática de denúncias de irregularidades no governo Lula (presentes em outras matérias noticiadas), diante das quais também se posiciona criticamente, o JB divulga como notícia uma ação do presidente da Câmara, que retoma parte do positivo na política nacional.

Diferentemente da escalada do JR e do SBT Brasil, onde se veiculam imagens de um Rebelo cumprindo uma rotina presidencial protocolar, conjugadas a uma verbalização que o visibiliza como o primeiro comunista

a assumir a Presidência da República – como já explicitado na análise –, na escalada do Jornal da Band a imagem-visual de Rebelo, tendo ao fundo a inscrição liberdade, aponta para outros sentidos na conjunção entre imagens e o texto verbalizado.

Não se trata simplesmente de um comunista que se insere num espaço tido como de oposição, como a Fundação Mário Covas – exposta na própria narrativa da repórter¹² do JR como “o ninho da oposição tucana” –, para o cumprimento de uma exigência da rotina presidencial. Tampouco de amenizar, no encontro da imagem com o texto verbal, as críticas ao governo, ou mesmo de se posicionar favorável a ele. Trata-se de não validar o retorno de uma memória oficiosa/negativista em torno de comunismo brasileiro, naturalizada no imaginário com a contribuição da mídia, e reavivada no noticiário dos demais telejornais analisados.

A conjunção entre as imagens e o verbal, no Jornal da Band, aponta sim para o exercício da democracia, como o próprio Rebelo explicita nas sonoras (entrevistas) veiculadas nas reportagens do JN e do JR, e que foram exploradas na nossa tese de doutorado (PIMENTEL, 2008), quando observamos o efeito notícia na relação com o lugar enunciativo de repórter. Contudo, os sentidos de democracia, em funcionamento no JB, não se limitam a uma mera abertura à convivência burocrática entre partidos e políticos de direita e de esquerda, como a conjunção entre verbal e imagem nas escaladas do JR e no SBT Brasil leva a significar.

Ao jogar com o dito (formulação do dizer/intradiscurso) e o não dito (constituição do dizer/interdiscurso, formações discursivas e ideológicas) nas imagens e no verbal, entre o que se explicita e o que se mantém na especificidade do silêncio, a conjunção dessas materialidades faz retornar, por um trabalho da memória, sentidos de comunismo silenciados nos demais telejornais. O comunista Rebelo que não é posto à visibilidade no texto verbal do JB tal como o é no JR e o SBT Brasil se visibiliza na Band na especificidade da imagem que significa ao se conjugar ao verbal.

Explicando de outra forma, por uma relação parafrástica com as outras imagens de Rebelo veiculadas nos demais telejornais, vemos que a imagem em que ele aparece, tendo ao fundo a inscrição *liberdade*, sinaliza um Rebelo já no exercício interino da presidência, no espaço da Fundação Mário Covas. Ao não se explicitar tal assunção de forma verbalizada, e sim identificá-lo como presidente da Câmara que “cancela compra de pastas de luxo”, a relação de

Rebelo com a democracia e a política não significa uma mera casualidade, tampouco o cumprimento rotineiro de uma obrigação presidencial protocolar, seja como presidente da República, seja como presidente da Câmara. Cancelar compra de “**pastas de luxo**” aponta para uma atitude de oposição e combate ao emprego indevido do dinheiro público. Além disso, ao não noticiar, na escalada, a viagem de Lula à Venezuela para inauguração de uma ponte ao lado do presidente Hugo Chávez, a Band reafirma sua diferença em relação ao enfoque noticioso da Globo, da Record e do SBT.

Ainda quanto ao noticiário da escalada, ao mesmo tempo, no jogo parafrástico entre os quatro telejornais, realizado na análise, põe-se em funcionamento um confronto de imagens (formações imaginárias, relacionadas às posições no discurso) circulantes – configuradas pelos telejornais como resultado de suas posições ideológicas, tomadas pelo empresarial –, nas imagens (cenários de realidade) veiculadas.

No que se refere à passagem de bloco do Jornal Nacional, tomada para análise, observamos, nos *frames* conjugados à narrativa “E um presidente comunista / entra para a história da nossa República”, que vai sendo construída uma imagem (de) Rebelo na relação com o *telespectador*.

O logotipo JN inscrito na imagem se abrindo, e tal abertura, ambos postos em relação com “**entra para a história**”, produzem um efeito de registro ao se evocar e significar, pela ação da própria memória institucional do jornalismo, o jornalista como historiador do cotidiano. O ineditismo do acontecimento no apagamento do sujeito e de sua trajetória [**um presidente comunista / entra para a história da nossa República**] atesta a novidade jornalística; ao passo que a formulação verbal, tal como se apresenta na relação com as imagens de Rebelo, inscreve, nessa notícia, o ineditismo que a sustenta.

Esse efeito janela, ao mesmo tempo em que faz retornar o efeito isenção do jornalismo como narrador-expositor da realidade, registrando-a, coloca o Jornal Nacional na condição de encobrir e revelar Aldo Rebelo. *Encobre*, pelo apagamento de sua trajetória política no Brasil e a do partido ao qual se filia, ao expor uma imagem de Rebelo que pouco representa o sujeito-político Rebelo. *Revela*, na medida mesma em que dá visibilidade a uma *invisibilidade* do sujeito e do político Aldo Rebelo no cenário nacional – efeito este reiterado *no e pelo* encadeamento da cabeça da matéria com a reportagem propriamente dita e, nelas, funcionando de forma específica.

A palavra escrita “**primeirão**”, e mais especificamente o seu encontro com o artigo definido “**o**”, significam o sujeito para além de uma legenda nomeativa e objetivante, no sentido de individualizá-lo no social, demarcando um lugar e sentidos para ele *desse e nesse* lugar. Legenda-o na atualização de uma memória e nos sentidos dessa memória que se apagam nesse processo de atualização. A escrita funciona, assim, como imagem. Não simplesmente porque, inscrita em tal materialidade, torna-se constitutiva de sua significação, mas porque a escrita, como funcionamento da linguagem, nesse encontro de materialidades, faz funcionar, na imagem-visual de Rebelo, uma imagem-Rebelo (formação imaginária).

Há nesse encontro de materialidades uma tripa banalização. O funcionamento escrito da materialidade verbal, substantivando Rebelo como “**o primeirão**” – linguagem sensacionalista –, banaliza o que tal acontecimento significa, em termos de trajetória política, para ele, para seu partido e para a história do país. A materialidade da imagem, na qual a escrita se faz constitutiva, expõe um Rebelo ao mesmo tempo deslumbrado e desconcertado, num cenário inédito e efêmero. O texto oral, ao se encontrar com esses funcionamentos, produz o efeito do ineditismo, da excepcionalidade, e também do impossível de um contínuo.

A noticiabilidade construída em torno da ideia de um “presidente comunista” na presidência da República Federativa do Brasil, presente na escalada do SBT Brasil e do Jornal da Record e na passagem de bloco do Jornal Nacional, também é *re-tomada* na cabeça da matéria do JN:

Fátima Bernardes (Jornal Nacional): “**Com o presidente Lula na Venezuela, e o vice, José Alencar, em tratamento médico, nos Estados Unidos, coube ao presidente da Câmara ocupar o cargo mais alto do Executivo. Aldo Rebelo é o primeiro comunista a chegar à Presidência.**”

Enquanto na passagem de bloco dá-se destaque para “um presidente comunista”, que “entra para a história da nossa República”, como uma excepcionalidade, um desconcerto resultante do conflito entre o deslumbramento pela oportunidade e a contenção pelo efêmero, na cabeça da matéria já se parte da justificativa de como isso pôde ocorrer. A possibilidade de um comunista se eleger presidente se fragiliza na afirmação da eventualidade de sua ocorrência.

O que sustenta a notícia no seu aspecto novidade, neste caso, não é simplesmente o fato de isso nunca ter ocorrido no Brasil, mas o impacto que a filiação a uma memória do comunismo produz na relação com o telespectador. A suposta naturalidade com que a notícia é veiculada está para além dos domínios da técnica e do discurso institucional sustentado em mitificações de neutralidade e objetividade.

O impacto de um comunista no poder funciona, na relação com o público, de modo a despertar a sua curiosidade sobre a notícia, seduzindo-o a adentrar o telejornal, e, *nele* ou *por ele*, ter acesso à realidade. A ilustração, ao fundo, no cenário da apresentação (estúdio), expõe “a realidade”. Por mais que o selo¹³ já seja uma marca de interpretação jornalística, na relação com a imagem-visual da apresentadora desvincula-se da imagem-apresentadora (imaginário), pois esta já apaga a autoria ao sustentar a ideia, e sustentar-se na ideia, de apresentação dos fatos. Nesse caso, a exposição da imagem-visual de Rebelo, no formato *selo*, visibiliza o sujeito Rebelo, invisibilizado e, ao mesmo tempo, exposto como invisível, no cenário nacional, *na e pela* textualização da reportagem.

Da posição-jornalista mantém-se o controle da situação na segurança de que tal assunção de Rebelo só se deu por uma “casualidade” e como respeito às leis que devem ser seguidas em “país democrático”. Referência de democracia calcada no normativo. Lula estava na Venezuela. O vice, José Alencar, nos Estados Unidos, em tratamento médico. Na ordem de sucessão, quem assume a presidência da República, na ausência do presidente e do vice, é o presidente da Câmara dos Deputados; no caso, Aldo Rebelo, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B).

O texto da cabeça não se abre à possibilidade de um comunista chegar à presidência da República no Brasil mediante eleições presidenciais, mesmo em um sistema democrático. Nessa construção jornalística, Aldo Rebelo assume a presidência meramente por uma exigência legal que o coloca como sucessor de José Alencar na ausência deste e de Lula. Portanto, a possibilidade de ascensão de um comunista à presidência da República, até então interdita no imaginário social, é significada como uma mera casualidade, e não se abre à possibilidade disso poder acontecer algum dia como resultado da escolha popular.

No Jornal da Record, a notícia sobre um comunista na presidência ganha destaque na escalada, seguidamente à de Lula/Chávez, mas se ausenta

na passagem de bloco, quando se anuncia apenas sobre os dois presidentes. No entanto, a notícia em torno de Lula na Venezuela já é um gancho para a que põe em cena Aldo Rebelo, principalmente porque ela justificaria, em parte, como e por que um comunista chegou à Presidência da República no Brasil. Essa conjunção sequencial entre as duas notícias, portanto, juntamente com a *re-tomada* de uma memória fixada em torno do comunismo no Brasil, conforme discutido com base em Mariani (1998), sustenta a ideia de que Rebelo só chegou à Presidência da República por uma casualidade.

Observamos o encontro entre as duas notícias em funcionamento tanto na passagem de bloco quando na exibição das reportagens, no terceiro bloco, do Jornal Nacional. No SBT Brasil, essa ligação se dá na escalada e no primeiro bloco. A diferença é que, nesse caso, como o final da reportagem sobre Lula/Chávez dá gancho para a notícia sobre a saída de Luiz Gushiken¹⁴ do governo Lula, uma nota pé sobre o ex-ministro liga as duas notícias: Chávez/Lula e Rebelo.

Na cabeça da matéria do JR, exibida no terceiro bloco, a ênfase continua sendo em “um comunista na presidência”, buscando justificar, assim como no JN, porque isso fora possível, ao mesmo tempo em que se explicita uma “fugaz” passagem pela Presidência:

Adriana Araújo (Jornal da Record): **“Um comunista na Presidência do Brasil. É a primeira vez na história do país que isto acontece”.**

Celso Freitas (Jornal da Record): **“Como Lula e o vice, José Alencar, estão no exterior, durante todo o dia de hoje quem exerceu a presidência foi Aldo Rebelo, presidente da Câmara, que é do PC do B”.**

O caráter de excepcionalidade não se sustenta apenas porque é a primeira vez que um comunista assume a Presidência da República; o que já é explicado pela casualidade da situação, mas no que (não) significa um comunista na Presidência, isto é, os sentidos que se (ex)põem e se apagam ou silenciam *nessa* e por *essa* interpretação.

Confrontamos o cenário de fundo na apresentação de Adriana Araújo com o cenário do qual Celso Freitas noticia. No primeiro caso, o selo visibiliza a República, no apagamento de Rebelo, sinalizando tanto a invisibilidade

de Rebelo no cenário nacional quanto a efemeridade de sua passagem pela Presidência. Enquanto no JN exibir a imagem-visual de Rebelo significa invisibilizá-lo, e significar sua invisibilidade na relação com o público, no JR é a ausência dessa imagem que marca sua invisibilidade no cenário nacional e a casualidade e efemeridade da assunção da Presidência da República. No segundo caso, a redação do telejornal, servindo como cenário de fundo para a apresentação de Celso Freitas, neutraliza a interpretação funcionando no selo, na reinscrição da memória da legitimidade telejornalística.

Enquanto na escalada do SBT Brasil a assunção da Presidência da República por um “comunista” compõe o trio de notícias sobre o governo Lula, dadas à visibilidade nesse espaço, não há reportagem específica sobre isso no corpo do telejornal, mas apenas uma nota coberta (texto narrado, coberto com imagens), sequencialmente a uma cabeça de nota. Também, ressaltamos, novamente, que não há referência em passagem de bloco, pois tais notícias são veiculadas ainda no primeiro bloco.

Ana Paula Padrão (SBT Brasil) - Cabeça da nota: **“E aqui no Brasil, pela primeira vez, e apenas por um dia, um comunista ocupou a Presidência da República”**.

Novamente, o que possibilita a notícia não é o comunista Aldo Rebelo assumir interinamente a Presidência da República, mas a Presidência da República ser assumida por “um comunista” – já como consequência de uma inevitabilidade casual que encontra brecha na legislação brasileira, no estabelecimento hierárquico de cargos e poderes.

A excepcionalidade do evento, marcada por **“pela primeira vez”** e **“apenas por um dia”**, também sinalizando brevidade, não se restringe à formulação escrita, mas se materializa na oralização e na imagem. As partes sublinhadas indicam uma marcação da intensificação narrativa, destacando certos trechos, na medida mesma em que há uma marcação conjunta pelo gestual, no campo da imagem. Conjugadas, essas materialidades geram o efeito informacional, apagando-se a interpretação e expondo-se como um dizer autônomo.

Nesse discurso telejornalístico, a democracia só advém como lembrança de que o Partido Comunista do Brasil, na direção do país, só é possível por uma brecha que a legislação brasileira abre em caso de excepcionalidade;

impossibilidade governamental. Mesmo assim, por uma coincidência, já que, no caso em questão, coincidiu ser o presidente da Câmara, terceiro na escala legal de sucessão em caso de ausência do presidente da República e do vice, também membro do Partido Comunista. Portanto, nessa interpretação, tal assunção é meramente resultante de uma casualidade, sendo interdita como vontade popular.

4 CONSIDERAÇÕES NO PERCURSO

Na escalada dos telejornais analisados, o verbal se expõe a um jogo de imagens. É na profusão e confluência entre imagens-visuais do apresentador, imagens dos eventos e funcionamentos imaginários do apresentador e dos cenários de realidade, conjugados a um verbal tecnicamente objetivado, que a notícia se expõe. Nas passagens de bloco, o verbal ratifica o efeito notícia primeiro na objetivação verbal casada à objetivização da imagem-apresentador. Também no fechamento da interpretação da imagem, quando se associam imagens de cenários da realidade, chamando para uma realidade que se porá a ver no bloco seguinte. Nas cabeças de reportagem e de notas, naturaliza-se o efeito notícia formulado na escalada, mas *re-colocando-se* como novidade primeira.

Como resposta ao problema lançado no início deste artigo, ao se interrogar *de que forma o noticiário telejornalístico fez circular e (in)significar o acontecimento discursivo que foi/representou a assunção de Rebelo à presidência da República*, o material, por nós analisado, envolvendo o governo Lula, mostra, de forma predominante (somente o JB se marca de forma diferente)¹⁵, que, no contexto telejornalístico analisado, no qual o comunismo ressurgiu, a memória fixada de negativização, posta em trânsito ao longo da história no campo político e midiático, continua advindo. O efeito produzido não é mais de um “temor aterrorizante”, mas de interdição a algo por estar “desprovido” de força capaz de inscrevê-lo no cenário de uma (suposta) democracia.

A ideia midiaticamente ecoada, pelos telejornais analisados (com exceção da Band), de que não há lugar para o comunismo na atualidade, como (supostamente) não houve ao longo da história (sentido de negativização contínua), interdita qualquer possibilidade do comunismo significar despido desse trabalho negativizante impetrado/reproduzido pela mídia massiva ao longo da história, centralmente Globo e SBT, em suas trajetórias, de forma marcada,

vinculadas a governos ditatoriais. Ao se associar essa memória de negativização do comunismo aos partidos significados como esquerda, como é o caso do PT, e, assim, do próprio Lula e seu governo, negativiza-se também a imagem “governo-Lula”, buscando-se destituir dele qualquer força capaz de manter uma imagem positiva sua no cenário político da época de circulação das notícias.

Na suposta democracia midiática, em que o telejornalismo se inscreve, se quer inscrito, como não se pode dizer, explicitamente, a respeito de um “temor a partidos/sujeitos de esquerda”, são as filiações a determinadas formações discursivas e, assim, ideológicas, que põem em funcionamento esse processo de negativização que se quer visto (consciente e inconscientemente), não pode ser, em conteúdo, visibilizado, mas funciona discursivamente.

É do encontro entre verbal e imagem que advém o efeito notícia nos telejornais como apontamos em nossa tese (PIMENTEL, 2008). Tal composição põe em funcionamento sentidos filiados a determinadas formações discursivas que levam a visibilizar certos sentidos ao mesmo tempo em que se interdita outros. Especificamente quanto ao evento jornalístico que se discursiva/é discursado, a aparente isenção nas textualizações das realidades apresentadas, sustentadas no próprio discurso institucional que rege a profissão de jornalista (verdade, objetividade, neutralidade), funcional e tecnicamente marcado, reforça o efeito de obviedade e, portanto, de inquestionabilidade, dos sentidos possíveis para comunismo.

Para concluir, retomamos um dizer de Mariani, quanto ao discurso jornalístico, no qual se inscrevem problematizações levantadas nas teorizações pecheutianas, como a ilusão do sujeito origem do dizer, produzida pelo esquecimento ideológico (instância do inconsciente), e o processo de administração dos sentidos no campo de pré-construídos institucionais que levam ao efeito de evidência. Em tal discurso institucional(izante), encontra-se, de acordo com Mariani (1998, p. 224-225, grifo da autora), uma “discursivização do cotidiano”, quer seja, “um falar *sobre* de natureza institucional”, invisibilizada ao leitor e ao próprio sujeito na posição-jornalista, na qual “os mecanismos de poder vão tanto distribuindo os espaços dos dizeres possíveis como silenciando, localmente, o que não pode e não deve ser visto”.

Compreendemos, portanto, que em meio a apagamentos, silenciamentos e *in*-visibilidades, o(s) discurso(s) telejornalístico(s) põe(m) em circulação sentidos para o mundo, construindo uma aparente isenção ao se supor e supor

para o telespectador que os *fatos* “falam por si”. Tal como abrimos esta discussão parafraseando Mariani (1998), concluímos também com base no pensamento da autora, explicitando que o “pensável” de uma época resulta do trabalho da memória daquela época. Há o retorno de interpretações que visam a significar um acontecimento no mesmo sentido. Contudo, existe a possibilidade de que outras *re-* interpretações sejam feitas nessas *re-* inscrições de acontecimentos já fixados pela memória história. No caso analisado, o dizer outro, sobre um mesmo sujeito noticiado, foi a forma trabalhada pela Band, de modo que outros sentidos pudessem advir em meio ao estabilizado(zável).

NOTAS

¹ O percurso investigativo descrito neste artigo foi apresentado no Simpósio “Discursos midiáticos em circulação: o funcionamento do (não) dito”, durante a V Jornada Interartes Outras Palavras (JIOP) e 1º Congresso Nacional de Educação Ambiental, Literatura e Ecocrítica (Conaele), realizados em outubro de 2013 na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

² Embora a pesquisa que realizamos abranja a noticiabilidade envolvendo Rebelo também em reportagens (matérias produzidas por repórteres), por uma necessidade de delimitação do artigo focalizamos apenas as textualizações narradas pelos apresentadores, em estúdio: a escalada, como primeiro impacto da noticiabilidade, as passagens de bloco, funcionando como espécie de chamadas para o noticiário do bloco seguinte, e as cabeças de reportagem e de nota coberta, como aberturas de outras textualizações noticiosas. Ressaltamos, ainda, que o percurso envolvendo Rebelo é apenas um recorte de um *corpus* analítico maior em torno da construção da(s) imagem(ns) do governo Lula.

³ Em nota explicativa, Mariani (1998, p. 244-245) esclarece que a expressão “inimigos internos” foi usada por Emir Sader ao analisar a conjuntura determinante do golpe militar de 1964, e se faz presente no livro *O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil* . São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁴ Medida eletrônica. Diz respeito aos “quadros fotográficos” que compõem uma imagem.

⁵ Da barra em diante (/), a narrativa aparece conjugada a *frames* do evento.

⁶ A partir da barra (/), a narrativa aparece conjugada a *frames* do evento.

⁷ Referimo-nos à observação resultante de um trabalho analítico-discursivo mais amplo, que envolveu notícias sobre Lula-Chávez, as quais estabelecem, na relação também com o noticiário trabalhado neste artigo, um trajeto temático quanto à(s) imagem(ns) do

governo Lula posta(s) em circulação por telejornais de comunicação de massa, no Brasil.

⁸ O plano médio corresponde a um enquadramento da pessoa da cintura para cima.

⁹ As funções apresentador, apresentador-âncora, repórter e comentarista são tomadas como funções institucionais do telejornalismo, no sentido de que, desses lugares institucionais, o fazer telejornalístico já se encontra regulado.

¹⁰ Sobre porta-voz da realidade, consultar Pimentel (2012).

¹¹ Como já explicitado neste estudo, o silêncio é abordado, na perspectiva discursiva, como “a própria condição da produção de sentido”. Trata-se do silêncio não como ausência de fala, mas “como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significativa” (ORLANDI, 1997, p. 70).

¹² A análise das reportagens envolvendo Aldo Rebelo estão presentes na nossa tese de doutorado (PIMENTEL, 2008).

¹³ “Ilustração que se usa para identificar um assunto ou uma notícia, produzida pela editoria de arte” (PATERNOSTRO, 1999, p. 150).

¹⁴ O pedido de demissão do então chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos (NAE), do governo Lula, Luiz Gushiken, participa desse conjunto de notícias que compõem o trajeto temático. Integrante do chamado “núcleo duro” da primeira fase do governo Lula, ao lado de José Dirceu (ex-ministro-chefe da Casa Civil) e de Antônio Palocci (ex-ministro da Fazenda), Gushiken pede demissão em novembro de 2006, sob denúncias de envolvimento no escândalo do mensalão.

¹⁵ Estamos considerando, apenas, a noticiabilidade da escalada, pois não tivemos acesso, na íntegra, a todas as textualizações da Band envolvendo Rebelo, por problemas na recepção desse material.

REFERÊNCIAS

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. *Análise de discurso*. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *As políticas no político: falas que preconcebem (prefácio)*. In: MARIANI,

B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

PATERNOSTRO, V. Í. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19, p.7-24, jul.– dez. 1990.

_____. Papel da memória. In: DAVALLON, J.; ACHARD, P.; DURRAND, J.; ORLANDI, E. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PIMENTEL, R. M. L. *Telejornalista porta-voz da realidade*. In: SILVA, T. D.; SOUZA, T. C.; AUGUSTINI, C. (Orgs.). *Imagens na comunicação e discurso*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2012. p. 95-138.

_____. *Versões de um ritual de linguagem telejornalítico*. 2008. 368 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Submissão do artigo: 18/12/2013

Aprovação do artigo: 18/02/2014

